

Finanças

Estratégia Plano de expansão na África, em parceria com BES, saiu do foco

Lucro do BB no exterior equivale a 3,7% do total

Fernando Travaglini
De São Paulo

O Banco do Brasil colhe os primeiros resultados de seu processo de internacionalização, que ganhou mais força nos últimos dois anos. A participação dos lucros do banco vindo das operações no exterior já corresponde a 3,68% do total registrado pela instituição em 2011, até o fim do terceiro trimestre. Em 2009, essa parcela era equivalente a 0,24%, segundo dados da instituição.

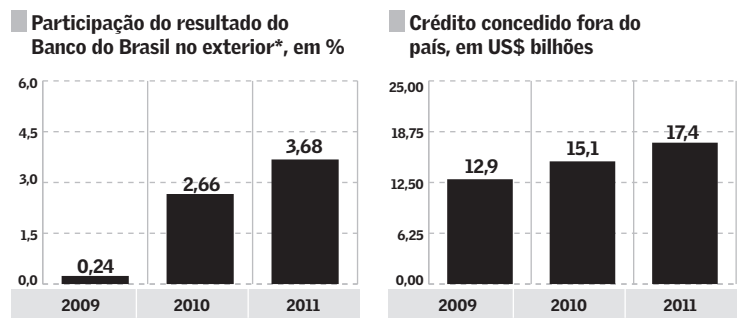
O crescimento, pondera Allan Toledo, vice-presidente do BB, ocorreu mesmo com o banco mantendo a expansão em território nacional. Em números absolutos, o lucro líquido obtido no exterior partiu praticamente do zero em 2009, para a casa dos US\$ 170 milhões neste ano, até o terceiro trimestre, enquanto o banco como um todo lucrara R\$ 9,2 bilhões no ano até agora, uma alta de 25% em doze meses.

A meta é continuar a expansão e atingir 9% do resultado total com as unidades externas em cinco anos. Neste trimestre, o número já representará 4% do total, acredita Toledo. Para chegar a esse objetivo, o banco conta com as operações de crédito para as empresas brasileiras. Essa é a grande diferença em relação à estratégia anterior.

O BB está no exterior há 70 anos, mas a função primordial sempre foi a captação de recursos em moeda estrangeira e o atendimento do cliente pessoa física. Com a crescente expansão das companhias

Expansão internacional

Resultado do Banco do Brasil decorrente das agências no exterior



Fonte: Banco do Brasil. * Comparado ao lucro líquido divulgado no Brasil

brasileiras no exterior, o BB viu uma oportunidade de rentabilizar suas agências lá fora. "O crescimento internacional é amplamente atrelado ao atendimento das empresas brasileiras no exterior ou de companhias que detêm forte relacionamento comercial com o Brasil", diz Toledo.

O crédito decorrente das operações feitas exclusivamente lá fora chegou a US\$ 17,4 bilhões, uma alta de 36% nos últimos dois anos. Somando os ativos captados no exterior, mas que são usados para as linhas de comércio exterior, como adiantamento de contrato de câmbio (ACC) e pré-pagamento de exportações — cujos resultados são apurados no Brasil — os empréstimos superam US\$ 30 bilhões.

Como consequência direta dessa atuação, a captação de recursos do banco também cresceu 50% em dois anos e já representa 7% do total da instituição — US\$ 38,6 bilhões, em 2011 até se-

tembro. A crise ajudou, pois houve uma migração de operações que eram feitas com bancos estrangeiros e passaram para o BB.

A reestruturação das operações que o banco já tinha no exterior se somou às aquisições, como a do Patagonia, na Argentina, e do Eurobank, nos Estados Unidos — essa última aguarda autorização do Federal Reserve (banco central dos Estados Unidos); a primeira autorização, do regulador local da Flórida, já foi concedida.

O Banco Central brasileiro também autorizou o BB a transformar seu escritório de representação na China em agência, dependendo ainda de aprovação do BC chinês. Com resultado, o BB estará em 25 países.

Sobre a manutenção do plano de expansão, Toledo responde que o banco "continua analisando" oportunidades, mas realinha o interesse apenas pela América do Sul. "Estamos avaliando ativos na

América do Sul, dentro da nossa estratégia de atender as empresas brasileiras lá fora e também de fomentar o comércio exterior"

Segundo ele, o banco tem olho para ativos em Chile, Colômbia, Peru e Equador, mas "não tem pressa para fazer negócios". O modelo a ser replicado é o argentino. "Buscamos um banco médio, bem posicionado e que tenha possibilidade de crescer, com rede de distribuição e captação já estruturadas", afirma.

O banco argentino é um dos destaques e já responde por quase 20% do lucro obtido lá fora. Em pouco mais de um ano de operação sob comando do BB, a instituição já mantém operações com 80% das cerca de 400 companhias brasileiras que atuam no país.

O BB manteve todos os postos executivos sob o comando de argentinos, nomeando apenas dois vice-presidentes brasileiros. O BB não acredita em expansão sem a força de trabalho de pessoas que de fato conheçam o mercado, diz Toledo. Mas pelo menos uma vez por mês ele visita a operação no país vizinho.

Já o plano de expansão para a África, em parceria com o Banco Espírito Santo (BES) saiu do foco. Toledo não quis comentar o assunto, mas segundo o Valor apurou com fontes do banco, a crise europeia e a situação dos bancos europeus dificultam a análise do negócio nesse momento. E o BB considera essencial entrar em um novo mercado por meio de uma aquisição.

BR Partners compra banco Porto Seguro

Carolina Mandli
De São Paulo

Interessada na estruturação de ofertas de ações de empresas, a boutique de investimentos BR Partners fechou a compra do banco Porto Seguro. A instituição adquirida não tem qualquer ligação com o grupo segurador de mesmo nome. A operação, assinada na quarta-feira, ainda depende da aprovação do Banco Central.

A BR Partners negociava há mais de um ano uma licença de instituição financeira com o Banco Central. A solução para não prolongar a espera acabou sendo a compra de um banco que estava inoperante. Há 14 anos, o banco de José Roberto Bueno, que também tem negócios na área da agropecuária, estava em liquidação extrajudicial. Em junho, segundo dados do Banco Central, o Porto Seguro tinha R\$ 19,5 milhões de capital. O valor do negócio não foi divulgado.

Sem a permissão, a BR Partners vinha mantendo seu foco em fusões e aquisições, quadro que deve mudar em breve. Com a licença de um banco múltiplo em mãos, a BR Partners está solicitando para o Banco Central a transformação da instituição em um banco de investimento. A partir dessa plataforma, a BR Partners também quer acrescentar uma corretora.

Dos R\$ 200 milhões de capital da BR Partners, R\$ 120 milhões ficarão na nova instituição. Com a autorização para operar como banco, Andrea Pinheiro, sócia da BR Partners, explica que a instituição pretende atuar em ofertas de ações. Para isso, a equipe será aumentada dos atuais 65 funcionários para cem pessoas.

Além disso, a BR Partners também contará com a parceria fechada em outubro com a Raymond James Financial, empresa americana de serviços financeiros, para a análise de ações, de acordo com a executiva. "Para fazer a análise dos papéis, não precisaremos de novas contratações", explica Andrea. Para montar a área de "back office", a BR Partners contratou Sérgio Car-

boni, executivo que trabalhava no concorrente Credit Suisse.

Desde janeiro, a BR Partners buscava licenças de bancos já existentes para comprar, segundo Andrea, como uma forma de acelerar sua transformação em banco.

Apesar de não ter participado das negociações em nenhum momento, a aproximação entre as duas partes começou com a ajuda do Fundo Garantidor de Créditos (FGC). De um lado, o fundo sabia do interesse da BR Partners de abrir um banco, ao mesmo tempo em que o antigo controlador do Porto Seguro queria se desfazer da operação.

A boutique de investimento tem como sócios principais Ricardo Lacerda, ex-Citi e Goldman Sachs, Andrea, ex-BMC e Bradesco, Renato Naigeborin, ex-chefe da mesa de derivativos do Citi e ex-executivo do Merrill Lynch, e Otávio Guazelli, ex-Citi.

O grupo de sócios que fundou a boutique aportou inicialmente R\$ 65 milhões. A outra metade dos R\$ 130 milhões do capital inicial veio de onze famílias de empresários brasileiros com quem os banqueiros tinham relacionamento anterior. Alguns nomes são João Alves de Queiroz Filho, o Junior, dono da Hypermarcas, a família Feffer, do grupo Suzano, Jaime Pinheiro, ex-controlador do BMC, Waldemar Verdi, da Rodobens, e os Zogbi, ex-donos da Ripasa.

Essas famílias entraram apenas como investidores financeiros, subscreveram ações preferenciais (sem direito a voto) e não participam do negócio ativamente. As ações ordinárias da sociedade estão nas mãos dos executivos.

A competição entre os bancos de investimento neste ano tem sido bastante favorável às instituições nacionais, principalmente em um momento em que, na matriz, os estrangeiros enfrentam um período mais turbulento. Em ações, três bancos brasileiros lideraram as vendas: Itaú BBA, BTG Pactual e Bradesco BBI distribuíram 58,3% dos US\$ 10,9 bilhões em papéis lançados até outubro deste ano, segundo dados da Dealogic.

BTG quer captar R\$ 3 bi para infraestrutura

Vinícius Pinheiro
De São Paulo

O BTG Pactual entrou com pedido na Comissão de Valores Mobiliários (CVM) para captar até R\$ 3 bilhões em um fundo de investimentos em participações (FIP) voltado a projetos de infraestrutura. O próprio banco é o coordenador líder da oferta. Trata-se da segunda incursão da instituição na área. O primeiro fundo, chamado Brasil Energia, reuniu R\$ 1,1 bilhão em recursos de fundos de pensão e de capital próprio.

Caso atinja a meta de captação, o fundo do BTG será o maior já constituído no país para a área de infraestrutura, que tem atraído

a atenção dos investidores em razão da demanda por recursos prevista para os próximos anos, quando acontecem grandes eventos no país, como Copa do Mundo e Olimpíadas.

O prospecto do fundo do BTG não especifica em quais áreas ocorrerão os investimentos. Conforme o documento, a intenção é adquirir ações e títulos conversíveis em ações que permitam a participação no processo decisório das companhias investidas.

O objetivo do fundo é obter uma rentabilidade equivalente à variação do IPCA mais 15% ao ano. A taxa de administração é de 2% ao ano, mais performance de 20% sobre o que ultrapassar a va-

riação do IPCA mais 8% ao ano. O prazo do FIP é de dez anos.

O fundo é destinado a investidores considerados qualificados, que possuem pelo menos R\$ 1 milhão para investir. A expectativa é de que o BTG também entre como cotista, embora não haja nenhuma informação a esse respeito no prospecto. Os fundos soberanos que ingressaram no capital do banco há um ano também poderiam ser cotistas. Além dos investidores em infraestrutura, o BTG fechou em junho deste ano a captação de US\$ 1,6 bilhão em fundo de private equity — que compra participações em empresas. Procurado, o banco não se manifestou.

O investimento privado em infraestrutura é de interesse do governo, que no final do ano baixou um pacote de incentivos tributários para o setor. Entre os benefícios está a isenção de imposto de renda para investidores estrangeiros e pessoas físicas na compra de títulos de dívida de longo prazo para financiar projetos na área. De olho nesse potencial, o Pátria Investimentos fechou recentemente um fundo de US\$ 1,15 bilhão para o setor, enquanto o Banco do Brasil e o Banco Votorantim levantaram R\$ 1,2 bilhão para investir em energias renováveis. O Valor apurou que outras instituições como o Santander, que já possui um fundo na área, também estudam novas captações.

de interesse do governo, que no final do ano baixou um pacote de incentivos tributários para o setor. Entre os benefícios está a isenção de imposto de renda para investidores estrangeiros e pessoas físicas na compra de títulos de dívida de longo prazo para financiar projetos na área. De olho nesse potencial, o Pátria Investimentos fechou recentemente um fundo de US\$ 1,15 bilhão para o setor, enquanto o Banco do Brasil e o Banco Votorantim levantaram R\$ 1,2 bilhão para investir em energias renováveis. O Valor apurou que outras instituições como o Santander, que já possui um fundo na área, também estudam novas captações.

Agenda

Paraísos fiscais

Flavio Rubinstein, Mestre em Direito pela Harvard, fala sobre a utilização de Paraísos fiscais no planejamento tributário.
Data: 23 de novembro
Horário: 19h às 22h30
Local: Av. Carlos Gomes, 466, 1001, Porto Alegre, RS
Informações: (51) 3388-8023

Lei das S/A

O Instituto Brasileiro de Direito Empresarial realiza debate sobre a Lei das S/A".
Data: 24 e 25 de novembro
Horário: 8h às 18h30
Local: R. Rio Grande do Norte, 300, Belo Horizonte, MG
Informações: (11) 3255-0399

Indicadores

- ♦ **Hoje**
 - Sai a 2ª-prévia do IGP-M
 - A Serasa divulga estatística de cheques sem fundo de outubro
 - Nos EUA e no México, saem dados do PIB para o terceiro trimestre
 - Também nos EUA, sai a ata da última reunião do FOMC
 - Na zona do euro, saem dados preliminares da confiança do consumidor para novembro
 - ♦ **Quarta-feira**
 - O Banco Central divulga a nota de operações de crédito
 - Nos EUA, saem dados de gastos pessoais para outubro
- Fontes: Gradual, Máxima, Fator, LCA, MCM, Banco Central, FGV, Fipe, IBGE
E-mail: agenda@valor.com.br

Valor Especial

NEGÓCIOS SUSTENTÁVEIS

Entenda como as empresas conseguem obter resultados financeiros com boas práticas ambientais e sociais.

DECLARAÇÃO DE PROPÓSITO
GUSTAVO CLETO MARSIGLIA, portador da C.I. nº 20.199.198-CRA-RJ e do CPF nº 177.504.744-04; LUIS ANTONIO ALBUQUERQUE LESSI, portador da C.I. RG. nº 11.373.817-1-SPP-SP e do CPF nº 065.986.068-61 e MARCUS PEREIRA SILVA CANTO, portador da C.I. nº 15.545-CRE-RJ e do CPF nº 702.955.067-68. DECLARAM sua intenção de exercer cargos de administração na FOCC DISTRIBUIDORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS LTDA, e que preenchem as condições estabelecidas no art. 2º da Resolução 3.041, de 28 de novembro de 2002. ESCLARECEM que, nos termos da regulamentação em vigor, eventuais objeções à presente declaração devem ser comunicadas diretamente ao Banco Central do Brasil, no endereço abaixo, no prazo de quinze dias contados da data da publicação desta, por meio formal em que os autores estejam devidamente identificados, acompanhado da documentação comprobatória, observado que os declarantes podem, na forma da legislação em vigor, ter direito a vistas do processo respectivo. BANCO CENTRAL DO BRASIL, Departamento de Organização do Sistema Financeiro, Gerência Técnica no Rio de Janeiro, Av. Presidente Vargas, nº 730 - 19º andar - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20071-001

DECLARAÇÃO DE PROPÓSITO
BANCO DAYCOVAL S.A. - CNPJ nº 62.232.889/0001-90 - Transferência de Controle
As pessoas físicas abaixo identificadas, por intermédio do presente instrumento, I - DECLARAM: Sua intenção de participar do controle societário do BANCO DAYCOVAL S.A., em decorrência dos contratos de diação em pagamento e acordo de acionistas, firmados em 21/11/2011, o qual passará a funcionar com as características abaixo especificadas, negócio cuja concretização depende da aprovação do Banco Central do Brasil. Denominação social: BANCO DAYCOVAL S.A. Local da sede: São Paulo-SP. Carteira: Comercial, Investimento e de Crédito, Financiamento e Investimento. Novos Integrantes do Grupo de Controle: Pessoas Físicas: MORRIS DAYAN - CPF nº 195.131.529-63, Percentual de Participação: 33,33% - ON, 7,19% - PN, 24,40% do Total. SALIM DAYAN - CPF nº 154.174.598-10, Percentual de Participação: 15,39% - ON, 7,19% - PN, 12,59% do Total. CARLOS MOCHÉ DAYAN - CPF nº 252.714.628-70, Percentual de Participação: 15,39% - ON, 7,19% - PN, 12,59% do Total. RONY DAYAN - CPF nº 312.382.938-43, Percentual de Participação: 1,14% - ON, 0,02% - PN, 0,76% do Total. Administração: A administração da sociedade continuará a ser exercida pelos Srs. Sasson Dayan, Diretor Executivo Superintendente; Carlos Mocho Dayan, Morris Dayan e Salim Dayan, Diretores Executivos; Albert Rouben, Maria Regina Rodrigues Maciel Nogueira e Nilo Cavazzan, Diretores sem designação. II - ESCLARECEM que, nos termos da regulamentação em vigor, eventuais objeções à presente declaração devem ser comunicadas diretamente ao Banco Central do Brasil, no endereço abaixo, no prazo de trinta dias contados da data da publicação desta, por meio formal em que os autores estejam devidamente identificados, acompanhado da documentação comprobatória, observado que os declarantes podem, na forma da legislação em vigor, ter direito a vistas do processo respectivo. Banco Central do Brasil - Departamento de Organização do Sistema Financeiro - Gerência Técnica em São Paulo - Av. Paulista, nº 1804 - 6º andar - São Paulo-SP - CEP 01310-922. Processo nº 1101535778. São Paulo, 21 de novembro de 2011.